

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

“E NÓS ESTAMOS SE MEXENDO QUE PARADO NÃO DAR”: ATUAÇÃO DO SERVIÇO DE PROMOÇÃO HUMANA (SPH) NO MEIO RURAL, CAMOCIM – CE (1969-1995)¹

VERA LÚCIA SILVA*

1. Configuração histórica

Durante toda a década de 1950 e início da década de 1960, o campesinato atraiu a atenção de diversos setores sociais, tanto de orientação esquerdista, nesse momento, principalmente, vinculada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), quanto de cunho católico, a partir da atuação dos movimentos de base, como a Juventude Agrária Católica, entre outros, que organizados disputavam entre si o controle político-ideológico sobre o campo. De acordo com Mario Grynspan e Marcus Dezemone, “O campo continuou a ser visto como lugar por excelência do atraso, porém, foi deixando de ser atribuído a elementos naturais, geográficos, climáticos, a doenças ou à composição racial, genética, das populações rurais, para ser tomado como decorrência de causas econômicas e sociais.” (2007: 213)

A concentração de terras era apontada como a principal causa dos problemas sócio-econômicos do país, que, “[...] nas mãos dos grandes proprietários, chamados de latifundiários, gerava um acúmulo enorme de poder econômico, social e político, ao mesmo tempo que, na base, distribuía miséria, fome, más condições de vida, de saúde e de educação.” (Idem: 213) Esse acúmulo de poder e privilégios, bem como, a luta por sua manutenção, passaram a ser questionadas e consideradas como uma das causas principais das condições antagônicas existentes não somente no campo, mas no país como um todo.

*Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestrando em História Social.

¹Artigo de conclusão do Curso de Especialização em Ensino de História do Ceará, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). O recorte temporal se justifica porque 1969 é o ano de mudança no Estatuto do Serviço de Promoção Humana (SPH), a qual amplia seu foco de atuação para o campo, com o programa “Operação Esperança”; e 1995 é o momento em que o SPH retoma suas atividades no Núcleo Promocional de Tamboril (NPT), após um momento de crise.

O camponês passou a ocupar um lugar privilegiado no cenário nacional e tornou-se objeto de pesquisas entre as forças políticas e sociais. “Uma das formas pelas quais se deu essa disputa foi a criação de organizações que congregavam e lideravam os camponeses em suas lutas, falando em seu nome, expressando seus interesses e suas reivindicações [...]” (GRYSNZPAN; DEZEMONE; 2007: 217) Nessa perspectiva, em Pernambuco, foi fundada em 1955, no Engenho da Galiléia, uma sociedade de assistência e auxílio mútuo, que tinha como advogado na defesa dos interesses dos camponeses em atrito com os proprietários de engenho, Francisco Julião. Essa sociedade vinha a ser o embrião das Ligas Camponesas, que se multiplicaram pelos Estados de Pernambuco e Paraíba. As Ligas, de acordo com Riolando Azzi, “era um movimento de organização dos trabalhadores rurais, a fim de obterem o reconhecimento de seus direitos, com marcada tendência socialista”. (2008: 137) Outras lideranças comunistas voltaram-se, em seguida, para a questão da sindicalização do homem do campo. Segundo Scott Mainwaring, “De 1955 a 1964, o Nordeste vivenciou conflitos intensos. Várias instituições e facções da esquerda competiam para organizar os camponeses e para direcionar as suas ações políticas.” (MAINWARING, 2004: 116)

Visando disputar a atenção dos camponeses, a Igreja Católica desenvolveu várias atividades no sentido de melhorar a qualidade de vida no campo, “oferecendo uma melhor assistência social aos camponeses e atuando progressivamente na esfera da organização de sindicatos católicos.” (AZZI, 2008: 137) No Rio Grande do Norte, a partir de 1958, o Serviço de Assistência Rural (SAR), fundado, em 1949, com o objetivo de coordenar e executar a política de atuação da Igreja, realizou uma série de atividades que tinha como foco os sindicatos dos trabalhadores rurais. Foi criado em Pernambuco o Serviço de Orientação Rural de Pernambuco (SORPE), também com o objetivo de intervir no meio campesino. Na Paraíba e em Alagoas foram criados movimentos análogos.

No Sul do Brasil, somente na década de 1950, registrou-se um rápido aumento da tensão no campo. Ao mesmo tempo em que proliferam os conflitos, cresce a pressão pelo reconhecimento dos sindicatos. De acordo com Maria Glória Wormald Ochoa:

No sul do País generaliza-se o conflito de terras no sudoeste do Paraná culminando com a revolta de Capanema, Pato Branco e Francisco Beltrão, em 1957. Em Santa Fé do Sul, estado de São Paulo, desencadeia-se, também, sério conflito entre camponeses e fazendeiros em fins da década. Os camponeses – que eram arrendatários – liderados por Jofre Correa Neto, um militante comunista, pleiteavam a prolongada do contrato de arrendamento. (OCHOA, 1989: 43)

No Ceará, em várias cidades, como Sobral e Camocim, a ação da Igreja também teve como foco o homem do campo. Em Sobral foi instalado em 1963 o Centro de Treinamento de Sobral (CETRESO), “um órgão do setro (*sic*) da Justiça Social do Secretariado Diocesano, que visa ajudar o homem rural a se promover, a encontrar por êle (*sic*) mesmo condições de vida humana, enfim de melhor se realizarem-se (*sic*) como homem e como cristão.” (CORREIO DA SEMANA, 1964: 2) Neste sentido, ele promoveu cursos de treinamento de líderes rurais nas cidades de Tianguá, Camocim, Coreaú, Massapê, Carnaubal, Acaraú, por exemplo.

O CETRESO, segundo o responsável por sua instalação, Luís Gonzaga de Melo², “[...] atuava em todas as paróquias da diocese de Sobral, ajudando os trabalhadores rurais a se organizarem em sindicatos e cooperativas.” (MELO, 2000: 25)³ Com a fundação desta entidade a diocese visava, embora que muitas vezes fosse de forma inconsciente, neutralizar o avanço dos sindicatos comunistas ou despertar o homem do campo para outras possibilidades de vivência. No entanto, o responsável por sua instalação, o então, Pe. Melo, seguindo uma linha progressista, deu uma feição inovadora ao projeto da Igreja. Nesse período, a atenção dos intelectuais estava voltada para a organização do homem do campo e, assim, eles iam procurando formas de se inserirem em seus espaços.⁴ É importante salientar

² Foi encarregado da Igreja de São Pedro (Bairro dos Pescadores), em 1962 e 1963. Na época, a igreja pertencia à Paróquia de Camocim/Diocese de Sobral, cujo bispo era D. João José da Mota e Albuquerque. Foi fundador do Serviço de Promoção Humana – SPH, Instalou o Centro de Treinamento de Sobral (CETRESO). Trabalhou na CNBB como sub-secretário de Dom Helder Câmara. Atualmente é casado, reside em Campina Grande (PB) e é professor aposentado da Universidade Estadual da Paraíba.

³ Obra não publicada. O autor faz uma síntese de sua trajetória para seus cinco filhos: Denise, Raissa, Marie, João Alfredo e Ana Luisa.

⁴ Para uma compreensão maior da participação dos intelectuais na vida das camadas populares lê: SOUZA, João Francisco de. **A democracia dos movimentos sociais populares**: uma comparação entre o Brasil e México.

que a ação da classe intelectual não era uma forma de libertação plena do camponês, mas, em muitos casos, um meio de controle social e cultural.

Com o objetivo de alfabetizar “jovens e adultos da zona rural, em virtude das dificuldades de acesso à escolarização” (BEZERRA, 2008: 30), em 1962, chega a Sobral, o Movimento de Educação de Base (MEB). Esse movimento, segundo Viviane Prado Bezerra, foi fruto de um convênio estabelecido “entre Ministério da Educação e Cultura (MEC), outros órgãos da administração federal e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) dispendo a realização de um programa educacional, via Emissoras Católicas.” (Idem), pelo decreto nº. 50.370, de 21 de março de 1961. Talvez por isso, quando do golpe militar, ele passou a ser monitorado e mantido sob vigilância constante; se desobedecesse às diretrizes do Estado era desativado.

Outro movimento voltado para a evangelização das comunidades rurais em Sobral foi o Dia do Senhor⁵, formado por volta de 1965. Tinha como objetivo capacitar homens e mulheres leigos para difundir o Evangelho, vez que a carência de padres era grande. Através da educação e da evangelização, o movimento promoveu mudanças na vida do homem do campo. É importante ressaltar que a tomada de consciência dos problemas sociais e políticos é considerada a mais importante dessas mudanças.

As mudanças que vinham acontecendo no seio da sociedade em torno da organização e mobilizações no campo influenciaram também na criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Camocim, em 26 de agosto de 1966, e para que as ações do Serviço de Promoção Humana (SPH), fundado em 06 de maio de 1962, pelo Padre Luiz Gonzaga de Melo, e que tinha como finalidade o desenvolvimento integral do ser humano, principalmente, das camadas pobres e marginalizadas da cidade de Camocim e, a partir de 1969, tivessem, como

Recife: Bagaço: Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular da UFPE (NUPEP), 1999, p. 6. “O encontro entre intelectuais e populares permite um confronto de saberes, enquanto interpretações das realidades e formas de nelas intervir para transformá-las. [...]”

⁵ Segundo BEZERRA, 2008: 49. “[...] a denominação Dia do Senhor tem referência no (*sic*) domingo, na tradição católica, o dia de descanso. Em vez de missas, eram realizados cultos dominicais como celebração da palavra de Deus.”

foco também o homem do campo, assim como o MEB e o Dia do Senhor em Sobral. A expansão do SPH para o campo se deu através da *Operação Esperança*⁶. Segundo Edmilson Lira Oliveira, membro da Comissão Auxiliar de Roçados e Cáritas do Núcleo Promocional de Tamboril (NPT):

O Sindicato do Trabalhador de Camocim [...] vem da luta das Ligas Camponesas do Nordeste, não é, década de 50. [...] aqui em Camocim tinha um pequeno grupo do PC do B e que questionava, não é, as situações daquela época. [...] fortalecido pelas Ligas Camponesas do Nordeste, foi criado em 1952 a Associação dos Pequenos Agricultores de Camocim⁷ [...]. Daí veio [...] a luta e [...] a organização para a criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que aconteceu no dia 26 de agosto de 1966. (OLIVEIRA, 2012)

É importante lembrar que, segundo Ochoa, “Embora devamos esperar pela década de 60 para ver o surgimento dos primeiros sindicatos de trabalhadores rurais no Estado, desde os anos 40 desenvolvia-se no interior um paciente esforço organizativo das massas camponesas.” (OCHOA, 1989: 63) Neste sentido, “será fundada em Camocim a primeira e única Liga Camponesa posteriormente transformada em ‘Associação dos Pequenos Produtores de Camocim’ sob a liderança de Francisco Teixeira.” (Idem)

2. Criação do Núcleo Promocional de Tamboril

Na década de 1970 existiam, aproximadamente, 30 famílias em Tamboril, as quais sobreviviam do plantio de arroz, feijão, mandioca e milho e da criação de animais, como porcos, cabras, galinhas, bois, e vacas. De modo geral, eram famílias pobres. Os meios de diversões eram as tertúlias, quermesses, dramas e quadrilhas. Nessa época, o deslocamento do sítio para a cidade, com uma distância de 19 km, era feito a cavalo, em jumento ou a pé.

⁶ O plano de ação comunitária recebeu o nome de *Operação Esperança* porque, segundo o mesmo informativo, “é um ato de confiança em um futuro de dias melhores, mais humanos e mais fraternos, é o lançar de uma semente que frutificará em uma sociedade mais justa, é o estender de uma mão, pelo menos acolhedora e toda essa gente que se encontra marginalizada e esquecida.” (PROMOÇÃO EM MARCHA, 1969:1)

⁷ Cf.: A fala de José Leandro Bezerra da Costa, “[...] para fundar um sindicato tinha primeiro que fundar associação e depois de um ou dois anos era que se transformava em sindicato.” OCHOA, 1989: 46.

Os moradores de Tamboril e sítios vizinhos começaram a se organizar, sob a liderança de Francisco Pedro de Oliveira, antes do SPH fundar o Núcleo Promocional de Tamboril (NPT), em 1970. Eles se reuniam na casa de Francisco de Paiva Sobrinho e, depois, na de Francisco das Chagas Maximiano, com o objetivo de discutir os problemas que o homem do campo enfrentava. Assim, a criação do núcleo foi uma iniciativa da população que se somou ao desejo de expansão do SPH para o campo através da *Operação Esperança*. Em 1973 houve o lançamento da pedra fundamental da sede social do núcleo, em um terreno doado pela Empresa José Gomes Parente, através de seu procurador Edmundo Moreira.

Segundo o informativo *A Promoção em Marcha*⁸, os trabalhos da *Operação Esperança* iniciava com uma “série de visitas e sondagens em determinados agrupamentos humanos do campo, que ofereçam condições favoráveis ao desenvolvimento de uma vida comunitária, que sejam capazes de descobrir o sentido e o valor de um trabalho de conjunto, visando o BEM COMUM (sic)”. (PROMOÇÃO EM MARCHA, 1969:1) Encontrando clima favorável em Tamboril, deram início aos trabalhos de instalação do Núcleo Promocional de Tamboril (NTP) na localidade, com a fundação de uma escola em casa de taipa, que recebeu o nome de Escola 21 de abril, com dois turnos e com, aproximadamente, 40 sócios.

É importante frisar que esse programa de expansão para o campo se deu mediante as reformas estatutárias de 1969 quando o SPH amplia sua área de atuação geográfica. O ponto crucial da *Operação Esperança* era a descoberta de um líder natural⁹ de cada população rural, que tinha influência e prestígio diante da comunidade. Uma vez descoberto, esse passava por um estágio, depois retornava a sua comunidade de origem e ia preparar o ambiente para a implantação de um núcleo do SPH. É necessário ressaltar que, nesse período, todos os movimentos do campo apelaram para a formação de lideranças nas comunidades, foi uma marca na metodologia desses movimentos católicos. A presença do (s) líder (es) comunitário (s) era mister porque ele (s) conhecia (m) a realidade da região e supria a necessidade da

⁸ Boletim do SPH que teve 3 números em maio/junho de 1969 e que tinha como objetivo divulgar os programas ofertados pela instituição, servindo como meio de incentivar a população a participar deles.

⁹ Termo que aparece no informativo, **A Promoção em Marcha**, Ano I, N^o. 2, 24 mai. 1969.

presença do pessoal que vinha de fora na resolução imediata dos problemas que iam surgindo cotidianamente. No acervo do SPH¹⁰, localizamos um roteiro de treinamento desses líderes, que pautava entre outros pontos:

1) Estudo sobre a situação das populações rurais, em geral; 2) O que concretamente podemos fazer para melhorar a presente situação rural: a) Delimitar uma área de ação, no campo, que contenha mais ou menos as mesmas características em comum; b) Descobrir os possíveis líderes; c) Convocá-los para uma reunião; d) Avaliação dos principais problemas que afligem a comunidade em estudo; e) Como motivar os participantes da comunidade em apreço para tentarem, em conjunto, as possíveis soluções de seus problemas; f) Como organizar os grupos de ação em vista para o desenvolvimento da comunidade [...]. (NTP, 1973)

O roteiro de treinamento para os líderes visava capacitá-los para que juntos com os demais membros da comunidade buscassem a “promoção humana” do homem do campo. Muitas vezes esses líderes eram encaminhados para participar de encontros ou cursos em outras cidades, como consta no trecho de uma ata de 1984:

[...] agora foi os membro daqui destacado para outra comunidade para um encontro para Itapipoca e outra para o Tianguá. Os de Itapipoca truseram cousa muito importante, eles disseram que para os lado de lá já tem terra liberta, e nós vamos lutar se chega aqui precisamos lutar muito e com boa vontade [...] (ATA, 1984: 35)

A expressão “terra liberta” se refere à reforma agrária. Nesses encontros os membros procuravam se informar sobre a experiência de comunidades que tinham promovido alguma reforma no campo, retornando as suas entidades de origem, abriam uma discussão acerca de tais questões. Em várias atas, os sócios questionavam a realidade sócio-econômica a qual estavam inseridos; discutiram sobre questões que envolviam a luta pela terra; e falavam da falta de atenção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Camocim com os camponeses.

Durante uma das sessões, de 1984, os sócios do NTP leram parte de um livro que falava sobre a reforma agrária e uma carta sobre um abaixo assinado, realizado na Paraíba, que exigia justiça para a morte de uma mulher, conhecida como Margarida, que foi

¹⁰ Arquivado no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS), no Centro de Ciências Humanas (CCH) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

assassinada por lutar pelos direitos dos pobres.¹¹ A participação nos encontros em Camocim¹² ou realizados em outros municípios, bem como as leituras de materiais sobre os direitos e as lutas do homem do campo demonstra que a população camponesa buscava se informar e se formar. Por seu turno, as discussões acerca desse abaixo assinado a favor de Margarida, levam-nos a concluir que os camponeses de Camocim estavam concatenados às questões que envolviam a luta pela terra no país.

Dentro do ideal comunitário os sócios desenvolveram os trabalhos de construção da sede do NPT. Uma ata de 1978 faz o seguinte relato: “[...] os homens fazem os tijolos e as mulheres preparam os tijolos para queimar. Pra ficar todos os sócios trabalhando.” (ATA, 1972: 4)¹³ De acordo com o Projeto de construção da sede¹⁴, foram fabricados e queimados pelos sócios, em ritmo de mutirão/de trabalho comunitário, cerca de 10.000 tijolos; os sócios também cortaram parte da madeira para o teto e fizeram um roçado, sendo a renda destinada à construção da sede. No transcorrer da década de 1970, os documentos escritos registram a realização de tertúlias, festas e dramas como forma de lazer e de arrecadação de fundos para concretização dos trabalhos comunitários.

As experiências de trabalho dos sócios do SPH põem em evidência as transformações que sofreram nos seus modos de ver e enfrentar as dificuldades com a instalação do núcleo em Tamboril, conforme registro em ata, “[...] aqui nós estamos todos bem organizados poucas pessoas mas são forte de luta na comunidade quando se precisa estamos todos reunidos para agir o que for preciso.”(ATA, 1985: 44) Nesse período, segundo Grysanzpan e Dezemone:

¹¹ Para maiores detalhes, confira: UVA. NEDHIS. SPH. Ata, 1984: 37. Pasta Ta – Sítio Tamboril.

¹² Cf.: “[...] foi designado seis sócios para participarem de um Seminário de Ação Comunitária que se realizou em Camocim em novembro pp (próximo passado). Os que participaram, do referido seminário, fizeram uma rápida explanação do que ouviram e aprenderam [...]”.UVA. NEDHIS. SPH. Ata de Sessão Extraordinária do Núcleo Promocional de Tamboril (NPT), 09 de fevereiro de 1975, fl.1. (folha avulsa). Pasta T – Sítio Tamboril.

¹³ Infelizmente, este livro de atas se encontra muito deteriorado, dando para ler pouca coisa a respeito do que era tratado nas reuniões.

¹⁴ Cf.: UVA. NEDHIS. SPH. Projeto de Construção da Sede do Núcleo Promocional de Tamboril (NTP), 1 de março de 1973, p. 3. Pasta T – Sítio Tamboril.

[...] Em vez de ignorância, da ingenuidade, da irracionalidade e do barbarismo atávicos, que, nas visões anteriormente dominantes, caracterizavam as populações rurais, tidas como impermeáveis ao progresso e à civilização, era o ativismo, a luta política contra a situação social considerada indigna, injusta, luta a cujo desfecho se atrelava o desenvolvimento da nação de maneira geral, que marcava as imagens que se impuseram do camponês. (GRYNSZPAN; DEZEMONE, 2007:214-215)

Mesmo com as limitações de sua formação esses camponeses buscaram se capacitar, como colocamos acima, através de suas participações em várias entidades. Edmilson Oliveira, por exemplo, atuou no SPH, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), no Dia do Senhor e no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Camocim. Ele afirma nas comemorações dos 50 anos do SPH¹⁵:

[...] participei, né, de Norte a Sul desse país, né, dos movimentos e só tenho a agradecer a parcela de informação, de contribuição do SPH que juntamente com as outras, não é, me somou o resultado de uma vida cheia, realmente, de realizações no campo da organização, não é, e da conquista dos direitos, principalmente, do homem do campo. (OLIVEIRA, 2012)

A trajetória de Edmilson Oliveira dentro desses movimentos, principalmente nas CEB's, põe em evidência também as dificuldades que os camponeses enfrentavam na luta por seus direitos: “Nós [...] nos engajamos [...], muitas vezes, a gente levava um trabalho que era considerado clandestino para [...] o governo, mas que contribuiu bastante, bastante. Por quê?” (OLIVEIRA, 2012) Ao passo que esses homens comuns eram perseguidos, eles tinham consciência de que os esforços empenhados na luta pela Reforma Agrária e pela justiça social no campo valeriam os riscos.

As reuniões, os planejamentos, os cursos de formação tanto do MEB, do Dia do Senhor como das CEB's, muitas vezes eram feitas as escondidas, como afirmado acima, por conta da repressão da ditadura. Sobre um dos encontros, realizados nesse período, Edmilson Oliveira conta:

[...] a gente fazia as coisas [...] as escondidas. Eu, eu lembro [...] dum caso das CEB's, o, o Albani tava numa reunião na Meruoca. [...] Aí quando alguém ligou pra

¹⁵ O evento foi filmado por mim e por Francisco Jander dos Santos, com o objetivo de registrar as memórias dos sócios sobre suas experiências na entidade.

a polícia de Sobral, naquela época, dizendo que tinha lá um grupinho, não é, conversando besteira, o grupo das CEB's, imediatamente, é, alguém, também, que apoiava as CEB's tomou conhecimento e ligou pro Albanir e eles fecharam imediatamente as portas do convento de Meruoca e se esconderam. A polícia chegou, rondou, rondou, mas não encontrou mais ninguém, aí perguntaram "aquele pessoal que estava reunido aqui?" "O pessoal daí foram embora." "Será que eles não vão voltar, não?" "Não disseram, não". E eles com as portas fechadas, dentro do convento. Não foram capturados, né, mas a repressão era, daquela época, e a gente não podia falar, assim, diretamente, abertamente, né, os objetivos, então, eu acredito que houve interferência. (OLIVEIRA, 2012)¹⁶

As astúcias do homem comum, com baixo nível de escolarização, para encontrar formas de burlar o poder vigente; as invenções de diversas práticas para (sobre)viver e lutar por melhorias no campo são demonstrativos de sua politização e conscientização de seus problemas sócio-econômicos. Segundo Michel de Certeau, “[...] as táticas apontam para uma *hábil utilização do tempo*, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder.” (2009: 96) “As artes de fazer”, nos apropriando das palavras do autor, dos camponeses para fugirem da repressão da polícia colocam esses sujeitos como protagonistas de suas histórias e os põem no controle da situação, mesmo enfrentando forças muito maiores. Também mostra o grau de unidade e solidariedade que existiam entre esses camponeses ao se passarem por ignorantes diante dos acontecimentos e não darem informações sobre as pessoas que estavam reunidas no convento.

Fatos como o narrado acima por Edmilson Oliveira eram muitos frequentes no período da ditadura. A participação do Padre Albani¹⁷, o responsável pelo “Dia do Senhor” e pelas CEB's na Diocese de Sobral, nesses encontros evidencia o grau de envolvimento de parte da Igreja na luta pelos direitos dos camponeses nesse período histórico. Segundo Oliveira:

¹⁶ Tal fato é rememorado por muitos dos camponeses que participaram do Movimento do Dia do Senhor, lê: BEZERRA, 2008: 125-126, “Se havia perseguição na cidade, nas comunidades não era diferente. Numa noite em que toda a equipe discutia o planejamento do trabalho de base, apareceram de surpresa “*três pessoas estranhas*”. Aparentemente afáveis, aproximavam-se do grupo para colher informações, causando pronta reação da equipe no sentido de proteger o grupo da interferência dos “*visitantes*”. Ali se tomava consciência da materialidade do aparelho de repressão. Era gente da Polícia Federal, “*era o que a gente chamava de SNI*”, com seus gravadores escondidos nas bolsas e a disposição de vigiar e desmantelar os grupos que realizavam trabalho de educação popular no Nordeste do Brasil.”

¹⁷ Foi secretário administrativo do MEB, nos anos 1960, se tornando, posteriormente, a principal liderança do Movimento do Dia do Senhor.

[...] a Igreja não podia calar-se diante [...] do tratamento que o governo tinha para a sociedade brasileira, por isso que a [...] Igreja tornou-se oposição e criou as Comunidades Eclesiais de Base [...], levando, realmente, o pensamento que tinha o SPH, formar o homem do campo pra garantir os seus direitos [...] constitucionais. (OLIVEIRA, 2012)

No entanto, é importante lembrar que essa nem sempre foi a postura da Igreja. Quando ocorreu o Golpe Militar, de acordo com José Oscar Beozzo, “A sociedade brasileira estava profundamente dividida naquele momento, e a Igreja também. Alguns setores importantes da Igreja apoiavam as reformas do governo Goulart, mas havia outros que não o faziam.” (2005: 27) Assim, segundo o mesmo autor, enquanto Dom Sigaud abriu o pronunciamento da CNBB, agradecendo os militares pela intervenção, livrando o país do comunismo; Dom Helder o fecha, reafirmando o compromisso da Igreja com as reformas de base, com a opção pelos pobres e a denúncia das arbitrariedades.

A “Igreja popular”¹⁸ esteve sempre presente no desenvolvimento dos trabalhos do NPT. Nas atas encontramos com bastante frequência referências à celebração da palavra durante as sessões mensais dos sócios, bem como, no Regimento Interno do NPT, elaborado na sessão de 18 de fevereiro de 1973, que reafirmava no Artigo 5º, “São finalidades do Núcleo Promocional de Tamboril [...] o desenvolvimento integral do homem, visando-o tanto corporal como espiritualmente, e ainda social e intelectualmente, nunca faltando o cunho religioso e suas realizações e promoções.” (1973: 1)

A diretoria era constituída por Presidente, Secretário, Tesoureiro, eleitos pelos próprios sócios. Além da diretoria, o núcleo era administrado por três comissões: “[...] a comissão de Educação e cultura, que cuidava da Escola, tinha a comissão da construção do prédio, [...] e tinha a comissão de roças e roçados em convênio com a Cáritas” (FERREIRA, 2011).

¹⁸ “[...] o modelo de Igreja Progressista ou Popular, como prefere chamar Dom Fragoso, é a Igreja dos oprimidos, dos pequenos, dos pobres, dos fracos, reunidos nos seus espaços de base que chamamos de Comunidades Eclesiais de Base. Assim, no interior da Igreja-povo, está emergindo a Igreja Popular”. Cf.: FRAGOSO, Dom Antônio Batista. **O rosto de uma Igreja**. São Paulo: Edições Loyola. 1982. p. 59. *apud* BEZERRA, 2008: 7.

Um obstáculo ao desenvolvimento das atividades eram as secas ou os invernos muitos chuvosos, que, no primeiro caso, impediam que os camponeses plantassem suas roças, os alimentos básicos de sobrevivência – feijão, arroz, mandioca, milho –; por outro lado, os invernos rigorosos, deixavam parte das famílias desabrigadas, além de comprometer o plantio de suas roças, como podemos ver na Relação das famílias de Tamboril e Jatobá que tiveram suas casas estragadas pelas pesadas e prolongadas chuvas torrenciais de 1974:

[...] umas tiveram suas casas totalmente demolidas, outras ruíram em parte. Vale salientar que muitas destas famílias continuam desabrigadas, morando com visinho (sic), outras nas casas de farinhas e outra parte voltatrm (sic) para suas casas mesmo sem condição expondo suas próprias famílias em perigo. (NPT, 1974)

Para amenizar esse problema o diretor-presidente do SPH, Benedito Genésio Ferreira, nomeou uma comissão para fazer um levantamento e verificar os danos causados pelas chuvas, composta por Rita Pereria, Luiz Pires, Antonio Salviano e Antonio da Hora. Com os dados em mãos, encaminharia um pedido de ajuda aos seus amigos alemães.¹⁹ No entanto, esses não eram os únicos problemas enfrentados pelos os sócios do NPT. Nas atas das sessões podemos apreender um clima tenso e de dificuldades em viver comunitariamente.

De um lado, o presidente reclamava do atraso das mensalidades dos sócios e de sua ausência nas reuniões: “O presidente pede a todos os sócios é para assistir as reuniões, para saberem o que está acontecendo no Núcleo, nós pedimos a todos os sócios que se responsabilize pelas mensalidades por que o pagamento da professôra está atrasado (sic).” (ATA, 1980) Por outro lado, os sócios e parte da própria diretoria falavam da falta de compromisso do presidente que pouco comparece às reuniões e não toma medidas para amenizar as dificuldades do NPT:

¹⁹ Quando o Professor Benedito Genésio Ferreira estudou na Europa fora passar férias na Alemanha, fazendo vários amigos, os quais se tornaram parceiros do SPH, contribuindo financeiramente com o desenvolvimento das atividades da instituição até os dias atuais. Em relação ao NTP, os alemães ajudaram na construção de sua sede, por isso no lançamento de sua Pedra Fundamental, os moradores de Tamboril fizeram uma faixa, “Obrigada, Alemanha”. Também contribuíram com a doação de alimentos, roupas, etc. Cf.: UVA. NEDHIS. SPH. Livro de atas: 1968-1980, fl. 89. Pasta O1 – Reuniões e Assembléias: Livros de Atas.

[...] A Sr: tesoureira vem com umas reclamações sobre o nosso diretor presidente não está ligando pra nós, está muito por fora não quer concordar nada. Nós avimos (sic) para particulares que só pode ser associado depois que assistimos três reuniões, também pedimos ao presidente que faça eleição para mudar de diretores. O vice presidente concordou com os sócios que não está funcionando a aula nem tem água na cacimba então devemos fechar o núcleo, abrir no dia que for haver reunião e quando estiver funcionando. (ATA, 1981: 19)

Enquanto em 1974 as chuvas provocaram estragos à moradia de várias famílias, trazendo sérios problemas; em 1981 a falta de água ameaçava a paralisação do próprio Núcleo. Coloca-se também que não havia sentido o núcleo permanecer aberto se os sócios não frequentavam as reuniões, não participavam das atividades comunitárias. Na reunião seguinte, o presidente Francisco Pedro, informou que tinha água na cacimba e pediu para o povo se animar para levantar o núcleo, também lamentou por passar alguns meses sem haver reuniões.²⁰

No entanto, todas essas dificuldades não impediam que esses camponeses sonhassem, lutassem diariamente por uma vida melhor, por um mundo justo e planejassem suas atividades, como se constata na reunião de 09 de fevereiro de 1975:

[...] primeiro que foi debatido, foi o acabamento da sede 2ª. continuar recebendo os alimentos da Cáritas. Em terceiro lugar foi descotido o problema das casas estragadas pela as chuvas, que em virtude de não ter sido encaminhado a mais tempo resolvemos, encaminhar agora. Em quarto lugar foi descotido a necessidade da construção de uma quadra pra juventude da Promoção. [...] (sic) (ATA, 1975)

A partir do que vem na pauta de planejamento anual de suas práticas cotidianas, apreendemos modos de viver e de trabalho desses camponeses, o que faziam para superar suas dificuldades e conquistar dias melhores para a comunidade, pois, segundo Eric Hobsbawn, “os aspectos sociais do ser humano não podem ser separados dos outros aspectos do existir [...] dos modos pelos quais os homens constroem o seu viver e se relacionam com o meio ambiente [...] não podem ser separados de suas ideias [...]” (HOBSBAWN *apud* FENELON, 1992: 11)

²⁰ Para ler em detalhes, confira: UVA. NEDHIS. SPH. Ata de 22 de maio de 1981, fl. 20. Pasta Ta – Sítio Tamboril.

Em outra reunião, os sócios dão a seguinte justificativa para a paralisação de suas atividades: “[...] o nosso cerviço do grupo estar parado por inquanto porque nós estamos cuidando das nossas lavras e depois quando nós terminar vamos continuar novamente.”(ATA, 1984) Mesmo diante dos alto-e-baixos do NPT, seus sócios procuravam reerguê-lo sempre que possível por acreditarem no ideal comunitário. Em 1978, os sócios receberam uma proposta de integração do núcleo com as obras comunitárias da Diocese de Tianguá²¹, mas naquele momento não foi aceita e, após consulta à direção do SPH também não houve acordo.

A crise que o NPT vinha enfrentando em fins da década de 1970 e no transcorrer da seguinte tem como um de seus fatores a própria crise que vinha passando o SPH, que a partir de 1979 teve uma queda significativa no número de programas, parceiros e, conseqüentemente, de sócios.

No dia 26 de março de 1987 foi criado a Associação dos Moradores Rurais do Sítio Tamboril, a qual seria substituída mais tarde pela Associação Comunitária do Sítio Tamboril (ACOSTA), cuja sede também seria no NPT, vez que a maioria dos sócios deste também pertencia a nova associação. Dentre os trabalhos realizados pela Associação dos Moradores Rurais do Sítio Tamboril, destacamos a construção de uma casa de farinha, onde os moradores passaram a trabalhar durante parte do ano, quando da colheita de mandioca; de uma unidade de raspa; uma unidade de beneficiamento de doces caseiros e um projeto de criação de gado.

Em um relatório feito por ocasião de uma visita do SPH à Associação dos Moradores de Tamboril, em 17 de dezembro de 1995, observamos um clima tenso entre as duas entidades. O SPH exigia a chave do NPT, a entrega de seu patrimônio e propunha a criação de um Centro Integrado²², uma das políticas do Projeto São José²³. Enquanto uns não

²¹ Para aprofundar, leia: “Tivemos uma reunião aqui no grupo, sobre a coligação com a dioceze (sic) mais não foi nada no presente.” UVA. NEDHIS. SPH. Carta de Francisco Maximiano de Paiva e Francisco Maximiano de Souza ao Padre Benedito, datada de 28 de abril de 1978. Pasta T – Sítio Tamboril.

²² Consistia na integração das várias atividades desenvolvidas por cada comunidade, tais como, educação, saúde, lazer, etc.

concordaram com as exigências do SPH por medo de perder a autonomia; outros as aceitavam e eram de acordo com a integração de organizações por medo da sobrecarga de trabalho, financeiro ou da fragmentação dos grupos.

No geral, pode-se notar que o problema maior parece centrar-se entre as formas de dirigir dos presidentes, pois cada um tem suas exigências e ainda não conseguiram entrar em um consenso, ocasionando assim maior perda para o SPH, por já ter sido desacreditado por alguns, devido ao seu período de ausência. E quando renasceu já encontrou uma população que não conhece a trajetória real do SPH, mas apenas uma visão falida e desacreditada que fora passada, temendo assim por uma nova queda. [...] (RELATÓRIO, 1995: 2)

Como colocado acima, com a decadência de suas atividades na década de 1980 e início de 1990, o SPH também não participou dos trabalhos do núcleo, caindo no esquecimento. Ao retomar seus trabalhos em 1995 era natural que encontrasse resistência, de um lado, uma população que assistiu a expansão do SPH em Camocim, que presenciou sua capacidade de multiplicar centros de atuação e em pouco tempo vê-lo desestruturado, sem força; de outro lado, os filhos daquela geração que só ouvira falar dessa fase de decadência e que presenciara os seus resquícios. Com o objetivo de atender a reivindicação dos camponeses, o SPH fez um breve histórico de sua presença e dos trabalhos no Sítio tamboril e vizinhança:

Com a finalidade de cooperar no resgate e construção da História da Comunidade de Tamboril e Sítios Vizinhos e de levar ao conhecimento dos mais jovens os acontecimentos de que não participaram, nem tiveram notícia, resolvi aproveitar a realização do 11º. Encontro de Entidades Comunitárias – XI ENECOM, realizado em Tamboril, nos dias 15 e 16 de julho de 1996, para descrever e divulgar o que se segue [...]. (1996: 1)

²³ O Projeto São José se propõe, segundo o Banco Mundial (2009) *apud* Maria do Socorro Santos, **Avaliação do Projeto São José**: discurso e prática nos subprojetos de mecanização no município de Jardim – CE, p. 13. Disponível em: < <http://www.prodema.ufc.br/dissertacoes/069.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2013, “Melhorar a qualidade de vida dos pobres da área rural possibilitando um maior acesso à serviços de infra-estrutura (sic) social e econômica básica; aumentar o capital social das comunidades rurais para se organizarem coletivamente e suprir suas próprias necessidades; aumentar a capacidade de governança local pela maior participação dos cidadãos e transparência no processo decisório, com a criação e fortalecimento de associações e Conselhos Municipais; incentivar uma maior integração entre políticas programas e projetos de desenvolvimento no nível local.” Cf.; Idem, 2010, p. 13.

Quando da instalação do NPT, a política do SPH era preservar a autonomia dos seus sócios e cabia a ele dar apenas uma formação para que seus próprios moradores seguissem com os trabalhos comunitários. No entanto, ao que nos parece é que tal política havia mudado com essa nova fase, dividindo opiniões entre os moradores. Podemos concluir também, a partir dessas divergências, que esses moradores havia adquirido um grau de amadurecido que não os deixava mais aceitar o que vinha de fora sem resistências ou, ao menos, sem questionar.

3. Considerações finais

Paradoxalmente, à medida que o SPH contribuiu para a valorização do ideal comunitário e para a criação de novas organizações, como a Associação de Moradores Rurais do Sítio Tamboril, Associação Comunitária Rural do Boqueirão dos Liras, entre outras, ele foi perdendo espaço para essas novas entidades. A Promoção, como se refere os moradores ao falar do SPH, segundo Edmilson Oliveira, “com as interferências [...] mudanças, assim, do movimento, não é, ela foi ficando, não é, não deixada de lado, mas diminuiu assim, houve uma diminuição da atenção como centro, né, era o Tamboril”. (OLIVEIRA, 2012) Mas:

A partir [...] do Núcleo Rural do Tamboril criou-se um expectativa que [...] as pessoas juntas, é, teriam mais força pra enfrentar as dificuldades. Realmente, foi um despertar, não é, e um abrir de caminhos que realmente, é, mudou [...] as ideias [...] dos trabalhadores rurais da, da comunidade e circunvizinhança.(OLIVEIRA, 2012)

Resistindo as dificuldades e tensões o núcleo se mantém até o presente. Dentro da perspectiva de que as mudanças se dão em função da conjuntura histórica em que vive cada geração, falou a senhora Dalila Ângela da Conceição Santos, ex-secretária e sócia do NPT, nas comemorações dos 50 anos do SPH, “Então, como disse, aí acabou? Fracassou? Não. Teve uma mudança, né, modificou e essa modificança (sic) quem será, será essa mudança, né, porque aí se sabe que [...] a tecnologia tá muito avançada e nesse avanço traz coisas diferente pra nós.”(SANTOS, 2012)

O que nos encanta nessas experiências é a capacidade do homem do campo – limitado pelas condições financeiras e climáticas do sertão, pela falta de educação, pela má distribuição de terras – de sempre ter forças para reiniciar, de se reinventar para se adequar ao presente, de se reorganizar para criar novos métodos quando os antigos já não servem, de se recriar para solucionar novos problemas. O NPT foi fundado em 1970; passou por um momento de significativa mobilização comunitária dos moradores de Tamboril, Boqueirão dos Lira, Jatobá, etc; enfrentou uma crise nos anos 1980; reinventou-se com a criação da Associação de Moradores Rurais do Sítio Tamboril, Associação dos Moradores do Juazeiro, Associação Comunitária Rural do Boqueirão dos Liras, Associação Comunitária Rural da Torta; e sobrevive até os dias atuais mesmo com poucos sócios e número de atividades pouco expressivo.

Fontes Orais:

Entrevista com Edmilson Lira Oliveira, realizada em Camocim, a 30 de abril de 2012.

Entrevista com o ex-Diretor-Presidente do SPH Benedito Genésio Ferreira realizada em Sobral em 04 de novembro de 2011. Arquivo de Ana Selma Silva de Aguiar.

Depoimento de Dalila Ângela da Conceição Santos nas comemorações dos 50 anos do SPH, Sítio Tamboril, 30 de abril de 2012.

Depoimento de Edmilson Lira Oliveira nas comemorações dos 50 anos do SPH, Sítio Tamboril, 30 de abril de 2012.

Fontes escritas

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ (UVA). NÚCLEO DE ESTUDOS E DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA (NEDHIS). Periódicos. Cidade de Sobral. Coluna do CETRESO - A UNIÃO FAZ O CRISTÃO. "O que é o CETRESO". CORREIO DA SEMANA, Sobral – CE, 25 dez. 1964, Ano 47, No. 16, p. 2.

UVA. NEDHIS. Periódicos. Cidade de Sobral. MELO, Luís Gonzaga de. Contra ninguém, pelo Brasil. CORREIO DA SEMANA, Sobral – CE, 29 agos. 1964. Ano 47, N.º. 23, p. 6.

UVA. NEDHIS. SERVIÇO DE PROMOÇÃO HUMANA (SPH). Operação Esperança. Setor de Opinião Pública (SOP) – **A Promoção em Marcha**, Ano I, N.º. 2, 24 mai. 1969. Pasta H – Informativos.

UVA. NEDHIS. SPH. Ata da sessão extraordinária do Núcleo Promocional de tamboril, data de 09 de fevereiro de 1975. Pasta Ta – Sítio Tamboril.

- UVA. NEDHIS. SPH. Ata de 10 de agosto de 1980. Pasta Ta – Sítio Tamboril.
- UVA. NEDHIS. SPH. Ata de 10 de maio de 1981. Pasta Ta – Sítio Tamboril.
- UVA. NEDHIS. SPH. Ata de 1985. Devido ao estado que se encontra este livro de atas não foi possível identificar o dia e o mês.
- UVA. NEDHIS. SPH. Ata de 22 de maio de 1981. Pasta Ta – Sítio Tamboril.
- UVA. NEDHIS. SPH. Ata de 25 de janeiro de 1984. Pasta Ta – Sítio Tamboril.
- UVA. NEDHIS. SPH. Carta do Diretor-Presidente do SPH à Comissão Diocesana da Campanha da Solidariedade de Sobral, de 27 de janeiro de 1971. Pasta T – Sítio Tamboril.
- UVA. NEDHIS. SPH. Escritura particular de doação, 03 de fevereiro de 1973. Pasta T – Sítio Tamboril.
- UVA. NEDHIS. SPH. Projeto de Construção da Sede do Núcleo Promocional de Tamboril (NTP), 1 de março de 1973. Pasta T – Sítio Tamboril.
- UVA. NEDHIS. SPH. Rápida História da presença e dos trabalhos do SPH no Sítio Tamboril e vizinhança, a partir de 1969. Pasta T – Sítio Tamboril.
- UVA. NEDHIS. SPH. Regimento Interno do Núcleo Promocional de Tamboril, Cap. II – Objetivos e Finalidades, Art. 5º, elaborado na sessão de 18 de fevereiro de 1973. Pasta T – Sítio Tamboril.
- UVA. NEDHIS. SPH. Relação das famílias de Tamboril e Jatobá que tiveram suas casas estragadas pelas pesadas e prolongadas chuvas torrenciais de 1974. Pasta T – Sítio Tamboril.
- UVA. NEDHIS. SPH. Relatório feito por ocasião de uma visita do SPH à Associação dos Moradores de Tamboril, 17 de dezembro de 1995. Pasta T – Sítio Tamboril.

Referências bibliográficas

- AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira**. Aparecida – SP: Editora Santuário, 2008.
- BEOZZO, José Oscar. O golpe dividiu a Igreja e a sociedade. In: **CADERNOS IHU EM FORMAÇÃO**. Ditadura 1964: A Memória do Regime Militar. São Leopoldo – RS, 2005. Ano 1, n. 4, p. 27-31. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/.../1158327995.94pdf-pdf>> Acesso em 12. Abr. 2011.
- BEZERRA, Viviane Prado. **“Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo”**: O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980). 2008. Dissertação (Mestrado em História Social. Centro de Humanidades) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GRYNSZPAN, Mario; DEZEMONE, Marcus. As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas Camponesas, comunistas e católicos (1950-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.213. (As esquerdas no Brasil; v.2)
- HOBBSBAWN, Eric. From Social History to the History of Society”. In: **Daedalus**. Winten, 1971, p. 20/45. *Apud* FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? In: **História & Perspectivas**. História e Historiografia. Uberlândia, n°. 6, Jun/Jul,1992.
- MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. Tradução Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MELO, Luís Gonzaga de, **Caminhada**, Campina Grande, 2000.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

19

OCHOA, Maria Glória Wormald. **As origens do movimento sindical de trabalhadores rurais no Ceará: 1954-1964**. Fortaleza: NUDOC, 1989.